

PARA UM DIÁLOGO SOBRE ARGUMENTAÇÃO: UMA ENTREVISTA COM ANTONIO SUAREZ ABREU

A revista **Diálogo das Letras**, no seu número 1, volume 2, Ano 2013, cuja temática é “Estudos em argumentação na língua e no discurso”, traz uma entrevista com o professor doutor **Antonio Suarez Abreu**, livre-docente aposentado da Universidade de São Paulo (USP), professor adjunto da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), e um dos mais influentes pesquisadores brasileiros nos estudos da argumentação.

O professor doutor Antonio Suarez Abreu (mais conhecido por Tom) é pesquisador na área de Linguística, já orientou dezenas dissertações de mestrado e teses de doutorado nessa área e tem se destacado no Brasil pelos estudos que desenvolve no campo da Nova Retórica. Ele é autor de dezenas de publicações (artigos, livros e capítulos de livros), com destaque para os livros: *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*; *O Design da escrita: redigindo com criatividade e beleza*; *Curso de redação, Texto e gramática: uma visão integrada e funcional para a leitura e a escrita*; *Linguística cognitiva*; e *Gramática mínima para o domínio da língua padrão*.

Abaixo, a Entrevista, na íntegra, concedida aos professores Gilton Sampaio de Souza¹, José Cezinaldo Rocha Bessa² e Ananias Agostinho da Silva³, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em nome da revista **Diálogo das Letras**.

1 Entrevistadores: Como o senhor é uma das referências do país nos estudos da argumentação, interessa-nos saber um pouco sobre o que o motivou a trilhar pelo campo da Nova Retórica e quando começou a sua relação com esse campo.

Tom: Dois motivos foram responsáveis pelo meu interesse em estudar argumentação. O primeiro deles aconteceu, quando substituí a professora Dra. Beth Brait na USP, em suas aulas sobre Tipologia dos Discursos. De comum acordo com os alunos, resolvi pôr foco no discurso argumentativo e o curso foi um sucesso. Foi o embrião do meu livro *A Arte de*

¹Docente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) do *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN) e do PROFLETRAS/UERN. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Líder do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: giltionsampaio_uern@ig.com.br

² Docente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM). Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/FCLar. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro dos grupos de pesquisa Slovo (UNESP/FCLar), Grupo de Estudos Discursivos (GED-UNESP/Assis) e do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET/UERN). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: cezinaldobessa@uern.br

³ Docente do Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP). Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET/UERN) e do Grupo de Pesquisa em Análise Textual dos Discursos (UFRN). Pau dos Ferros, Brasil, E-mail: ananiassilva@uern.br

Argumentar, Gerenciando Razão e Emoção. Outro motivo foi meu trabalho com Linguística Cognitiva e Gramática Funcional. Segundo esses modelos, o uso precede a gramática. Percebi que isso também se aplicava à Retórica. Qualquer criança de 5 anos é capaz de argumentar, quando os pais a proibem, por exemplo, de ver televisão à noite, dizendo coisas como – *Mas você deixou meu irmão ver televisão ontem à noite*. Trata-se da utilização, intuitiva, da chamada regra de justiça. O que os estudiosos de Retórica fizeram foi fazer um inventário de tudo aquilo que os falantes utilizavam para o convencimento, com o objetivo de criar uma teoria da argumentação.

2 Entrevistadores: Passada mais de uma década desde a primeira edição de “A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção”, uma de suas obras mais utilizadas por professores e alunos, como o senhor dimensiona o lugar e a contribuição desse livro para professores e estudantes de Letras e interessados no assunto?

Tom: Acredito que esse livro foi e continua a ser um guia prático para todos aqueles que se interessam em aprimorar sua argumentação, pois é um livro fácil de ser lido, com exemplos do dia a dia. Procurei escrevê-lo numa espécie de diálogo com o meu leitor, simplificando aquilo que parece difícil e misterioso nos livros clássicos sobre o assunto.

3 Entrevistadores: Seus interesses de pesquisa vão além da área de argumentação, com incursão por outras perspectivas teóricas e práticas. Como está sua relação com a argumentação hoje? Fale-nos um pouco sobre seus interesses de pesquisa nesta e em outras áreas, ao longo de sua trajetória profissional.

Tom: Minha relação com a argumentação, no momento presente, está bastante ligada à linguística cognitiva, em função dos estudos sobre a metáfora e metonímia. E também aos recentes trabalhos do linguista norte-americano George Lakoff, sobretudo em um de seus últimos livros, intitulado *The Political Mind*, onde ele explora a teoria dos frames utilizados para a criação do senso comum.

4 Entrevistadores: Nas produções de pesquisadores da área, observamos desde posições que consideram a argumentação como constitutiva da linguagem até posições em que a argumentação é focalizada em perspectiva estritamente linguística ou de organização textual. Como o senhor compreende essas posições e como analisa as contribuições das pesquisas desenvolvidas no campo da argumentação no Brasil nos dias de hoje?

Tom: Como disse, na resposta à primeira pergunta, minhas evidências apontam para a posição de que a argumentação é constitutiva da linguagem em sua própria essência. No Brasil, têm aparecido com relevo estudos que aplicam a teoria retórica a textos específicos, como aqueles vinculados ao discurso jurídico. Eu mesmo já orientei algumas teses dentro desse campo. O discurso político é um outro campo bastante fértil. Os vestibulares, recentemente, assim como o Enem e o Enade, vêm exigindo dos alunos que saibam argumentar em suas redações. Estou pensando em escrever um livro para suprir essa demanda.

5 Entrevistadores: Considerando que os estudos sobre argumentação tem se ampliado bastante no país, repercutindo em diversas áreas do conhecimento e também nos mais diferentes campos de trabalho e de estudo, comente como a argumentação, sobretudo pela Nova Retórica, pode contribuir na compreensão dos seguintes temas:

5.1 Entrevistadores: Argumentação, mídia e discurso político.

Tom: Com relação ao discurso político é interessante o estudo da mídia como um instrumento para a criação de um senso comum, e o discurso político como um instrumento de racionalização, que é a tentativa de prender a realidade em um sistema coerente, pondo debaixo do tapete tudo aquilo que não se encaixa nele. Fazendo isso, o político argumenta dentro de uma lógica aparente e frágil que, do ponto de vista racional, pode ser destruída imediatamente, bastando mostrar as lacunas não preenchidas.

5.2 Entrevistadores: A teoria das comunidades interpretativas e o senso comum.

Tom: Segundo Robin Lakoff, em seu livro *The language War*, o senso comum é construído por comunidades interpretativas construídas sobre modelos e estereótipos vinculados a frames, um conjunto de expectativas a serem preenchidas. Se você vai a um restaurante, você tem a expectativa de que vai sentar-se a uma mesa, vai aparecer um garçom a oferecer-lhe um cardápio etc. etc. Imagine se, algum dia, você chegar a um restaurante e encontrar um garçom sentado à mesa e ele pedir-lhe o cardápio. Você ficaria no mínimo confuso ou entraria em pânico, pois a quebra do frame levou à quebra do senso comum. Isso acontece, quando alguém se dirige a uma comunidade, quebrando expectativas ideológicas, fruto de racionalizações muitas vezes antigas. Foi o que aconteceu no fim do século XV, quando Colombo, e os professores da Universidade de Salamanca, na Espanha, disseram que a Terra não era plana, mas redonda. Foi o que aconteceu com o auditório que ouvia NikitaKrushev, no vigésimo congresso do partido comunista, em 1956, o primeiro depois da morte de Stalin. Quando Krushev disse, mostrando evidências, que Stalin tinha prendido, torturado e executado milhões de pessoas, inclusive pessoas leais ao partido, a partir de falsas acusações, todos ficaram em silêncio total. Ouviam-se apenas murmúrios e, ao final, sem nenhum aplauso, saíram todos cabisbaixos, em estado de choque, pois suas “certezas” tinham sido todas destruídas.

5.3 Entrevistadores: Criação de narrativas como prática argumentativa.

Tom: As narrativas fazem parte de nossas vidas, desde o tempo das cavernas. Nossas vidas pessoais são construídas a partir de narrativas. Cada um de nós é capaz de contar sua história, dramas, situações vividas alternando tristeza e felicidade. Acreditar que nossa vida apresenta ou apresentará sempre situações felizes é levar muito a sério as propagandas de cerveja em que todos bebem, riem e se esbaldam. Na verdade, como diz Eduardo Giannetti, se todo dia é Carnaval, acabou o Carnaval; a garota de Ipanema é aquela que vem e que passa, não é aquela que fica.

O importante é que os momentos de uma narrativa (ação do vilão, luta contra ele, vitória ou derrota) formam circuitos neurais em nosso cérebro, com emoções como medo, raiva, ódio e alegria. E essas emoções são sempre ativadas em novas narrativas. Por isso é que gostamos de um bom filme policial, de suspense ou de amor. Por isso é que um bom político, um bom professor são aqueles capazes de contar histórias, emocionando seus auditórios. Estamos aqui, no campo da persuasão, é preciso dizer.

6 Entrevistadores: Atualmente, os exames e concursos nacionais têm dado muita ênfase ao saber argumentar. Dos candidatos ao ENEM e a vestibulares de diferentes universidades, por exemplo, é exigido que eles saibam argumentar, defender posições em textos escritos. Que contribuições a Nova Retórica pode trazer para esses candidatos e para quem deseja aprender e ensinar textos argumentativos?

Tom: É normal que essas exigências sejam feitas, pois, como disse em resposta anterior, argumentar faz parte da nossa própria existência e é preciso aperfeiçoá-la ao longo do nosso crescimento, pois não faz sentido usar argumentos infantis na idade adulta, mas é o que comumente acontece, sobretudo quando os ânimos estão exaltados.

7 Entrevistadores: Gostaríamos de saber, ainda, como o senhor vê a necessidade de se ensinar argumentar aos alunos de diferentes níveis (fundamental, médio e superior) e não somente na universidade? E como isso poderia ser feito?

Tom: Sem dúvida alguma, é preciso ensinar os alunos de diferentes níveis a argumentar. Isso tem de ser feito a partir de situações práticas, por meio da leitura de textos escolhidos. No ensino fundamental, podemos trabalhar com as histórias infantis, com as de Hans Cristian Andersen, por exemplo e, no ensino médio, explorar o ponto de vista argumentativo dentro de textos literários nacionais ou estrangeiros. *Otelo* e *O Mercador de Veneza* de Shakespeare são um prato cheio para isso.

8 Entrevistadores: Por fim, reconhecendo sua contribuição e importância para divulgação e avanço das pesquisas na área dos estudos da Nova Retórica no Brasil, perguntamos ao senhor o que recomenda/sugere aos professores, estudantes e pesquisadores que desejam adentrar nos estudos dessa área.

Tom: Recomendo que tenham pelo menos um mínimo de informação sobre as técnicas argumentativas e, depois, leiam textos de diferentes gêneros, artigos de opinião, crônicas, romances, procurando identificar essas técnicas. Mais à frente, podem continuar a melhorar o conhecimento teórico, com mais leituras, e redigir textos argumentativos de sua própria lavra.

9 Entrevistadores: Aproveitamos a oportunidade para lhe agradecer pela disponibilidade em responder a essa entrevista, ao mesmo tempo em que o deixamos à vontade para fazer as suas considerações finais.

Tom: Acho muito importante, também, que alunos e professores procurem praticar o bom relacionamento com os outros. Afinal, você só consegue convencer e persuadir alguém, se esse alguém perceber que você está ao lado dele, respeitando-o, vendo-o como pessoa, como uma assinatura única do divino. A escola deve, hoje, mais do que nunca, procurar ensinar aos alunos as chamadas virtudes: honra, honestidade, gentileza, coragem, gratidão, generosidade. Afinal, educar não é apenas transmitir informações e conhecimento. É uma tarefa integral de moldagem do caráter para que as pessoas façam a diferença não só como cidadãos, mas também em suas vidas pessoais.

Entrevistadores: Muito Obrigado!